

II Ciclo de Intercâmbio Internacional – PPGPSI-UFSJ

Diálogos com Vinciane Despret em São João del-Rei¹

18 de abril de 2011

Pergunta: Esse quadro que você expôs, a respeito da emoção e razão e de todo tipo de dualismo, ele perpassa tanto a questão de uma pesquisa antropológica, como também pode ser pensado em questões gerais e sobre a sociedade. Eu quero saber como pensar esse quadro que ao mesmo tempo está ao nível do antropológico, mas também está ao nível de um estudo ‘individual’. Então, como que a gente vai para campo, como que a gente vai fazer pesquisa, tendo em vista essa questão do dualismo ou de como quebrá-lo?

Vinciane Despret: Está certo, obrigada pela pergunta. Podemos responder que esse quadro pode se organizar em todos os níveis: sociológico, antropológico, psicológico, individual e político. Mas no nível individual é muito interessante. Então eu vou voltar na pesquisa de Catherine Lutz para explicar isso. Porque essa questão toca em nossa experiência pessoal e é bem próxima a nós. Nós vamos constatar que os dualismos estão sempre ligados com nossa relação com os outros. É muito perceptível quando se trata de discursos muito contraditórios sobre a emoção. Então, para ficar mais claro, eu cito um exemplo: quando nós ficamos apaixonados, em geral, quando nós ficamos muito apaixonados, nós temos realmente o sentimento de que a pessoa pela qual nós nos apaixonamos tem todas as qualidades que lhe permitem ser amada. E, frequentemente, quando não a amamos mais, nós pensamos que o amor está em nossos olhos e não na pessoa. Então eu retomo a proposição

do filósofo Stendhal que diz ‘será que eu amo porque a pessoa é passível de ser amada, ou a pessoa se tornou passível de ser amada porque eu a amo?’ É a questão da cristalização da subjetividade, que é aquilo que vocês conhecem aqui no Brasil como efeito *Tostines* [Refere-se à propaganda de um biscoito amplamente veiculada na mídia brasileira]. Compramos porque estão frescos ou estão frescos porque compramos muito? E vocês pensam que esta é uma pergunta que não podemos responder. Podemos retomar à primeira pergunta: eu amo esse homem porque ele é passível de ser amado, ou ele se tornou passível de ser amado depois que eu o amei? Tal pergunta só poderá ser respondida de acordo com o seu próprio estado de enamoramento. É isso que podemos dizer sobre um discurso extremamente contraditório a respeito das emoções. Se eu posso pensar que as emoções fazem conhecer a verdade, podemos, às vezes, pensar também que são elas que fazem com que nos enganemos. Temos aí o erro da subjetividade. Um caso que todos vocês conhecem de pessoas que dizem: ‘Ah... Desculpe-me, eu não pensei quando disse isso. Eu disse isso quando estava com raiva!’ E você poderá dizer em outro momento que ‘eu estou muito feliz por estar com raiva porque eu pude dizer aquilo que queria’. Nós somos sinceros nos dois casos e, com este exemplo, quero dizer que eu poderia citar um monte de outros casos nos quais nós utilizamos o transbordamento dos sentimentos. Como acontece nos casos em que as pessoas usam álcool para fazer coisas que naturalmente elas não fariam. Quando nós tomamos o primeiro copo, nós sabemos que estamos fabricando alguma coisa com o álcool. Da mesma forma,

¹ Tradução: Hélène Bossuyt. Transcrição: Rodolfo Luiz Leite Batista. Revisão: Maria de Fátima Aranha de Queiroz e Melo e Marília Novais da Mata Machado.

nós fabricamos coisas com nossas emoções porque justamente o dualismo oferece a possibilidade de ambivalência, um potencial para a ambivalência, de passar de uma versão à outra com muita sinceridade. E até mesmo os homens políticos podem usar isso. Catherine Lutz, para exemplificar, cita o caso de um senador americano em plena campanha eleitoral, que tinha envergonhado o eleitorado judeu, mas que, na semana seguinte, para se desculpar pelo que havia sido dito, disse: ‘Desculpem-me, eu falei com a minha cabeça. Se fosse com meu coração não teria dito o que disse’. Então, de toda maneira, um político deve falar com sua cabeça e acontece de dizermos que, quando é a cabeça quem fala, não é bom, pois é melhor escutar o coração. Em algumas outras vezes, diremos que o coração não é um bom conselheiro. Eu posso demonstrar todos os aspectos desse dualismo e mostrar para vocês como na experiência individual fazemos uso dele. Quando se diz que as emoções são desqualificáveis em relação à razão - que é o que acontece com a maioria das discussões dos casos científicos até o ano 2000 - por um lado, podemos notar que algo está mudando em relação a uma revalorização das emoções. Em certos setores, por exemplo, um caso simples que acaba de aparecer na literatura recente revela a quantidade de artigos da área da Economia que demonstram que comportamentos irracionais são preferíveis em relação aos comportamentos racionais, considerando que o comportamento irracional é guiado por preferências e pelos afetos, pelas emoções. Então, nota-se que algo está se modificando. Nós podemos verificar que, mesmo na época em que as mulheres e as minorias étnicas eram desqualificadas, sempre existia uma corrente de pensamento que valorizava as emoções. Principalmente nos pensamentos feministas e nas teorias sistêmicas. As emoções liberam as reações em cadeia, etc. Eu penso que assim posso responder a sua pergunta.

Pergunta: Vinciane, você trouxe experiências de pesquisa na antropologia, mas elas são perfeitamente aplicáveis a todas às outras disciplinas: à Psicologia, principalmente, àqueles pesquisadores que se colocam a provocação de não fazer pesquisas tão “en/quadradas”. Mas existe

uma tradição de pesquisa que precisa da aprovação de um comitê de ética e tal comitê nos solicita que façamos um enquadramento dessa pesquisa, inclusive solicitando a garantia de anonimato de forma que nossos pesquisados não apareçam como autores da pesquisa, para que sejam protegidos dessa exposição de estarem sendo pesquisados. Como administrar essa situação, quando você vai ao campo? Porque eles te contam histórias e essas histórias, às vezes, não poderiam aparecer, segundo as nossas leis, com a autoria deles...

Vinciane Despret: A pergunta que você acaba de fazer aponta para nós a contradição do Comitê de Ética. O Comitê de Ética não pode prever toda a violência que pode ser feita, eles não podem impedi-la. Ao contrário, neste caso, eles vão tentar impedir quando se pretende impedir a violência. Para mim, o anonimato é uma violência em relação às pessoas. Porque é uma dupla violência, pois, por um lado, é tratar todos da mesma maneira e, por outro, tratar ninguém da mesma maneira. Ninguém quer ser tratado porque simplesmente tem opiniões. É uma violência também porque não é o pesquisado quem é o especialista da situação, mas o pesquisador da situação na qual ele é interrogado. Ao perguntar, o pesquisador pode fazer o pesquisado entender que não sabe nada. Eu nunca havia imaginado que o anonimato poderia ser tão problemático. Foi no caso dos refugiados da Iugoslávia que eu senti que isso poderia ser mais e mais violento. Era tão violento que, quando os refugiados davam os seus testemunhos, o que eles me diziam todo o tempo era que a pior coisa que existia era ter que ser tratado como um refugiado. ‘De fato, eu não sou um refugiado, na verdade, eu sou o senhor Fulano, eu venho da cidade Tal, eu tinha vacas, eu tinha uma fazenda, eu era bem considerado na minha cidade. E quando vocês dizem *refugiados*, nos tratam com uma identidade que não escolhemos, nos tratam como se fôssemos ninguém ou como se fôssemos uma parte degradada do mundo’. É aí que temos os reflexos profissionais. Eu anotava muito cuidadosamente tudo isso e colocava sobre a ficha da pessoa que havia respondido que ele era ‘um refugiado’. Até o dia em que tive o

encontro com Jahija Smajić². E esse nome eu repito como forma de dar um nome a todos os que não tiveram um nome, mas que deveriam ter tido. Eu estava então em um quarto de refugiados e estava com um homem que tinha vindo da Bósnia. Eu lhe perguntei se algum dia seria possível que eles se reconciliassem com os sérvios. Essa pergunta nos mostrava a possibilidade de como poderia ser o futuro. Foi muito interessante quando aquele homem de olhos azuis, luminosos, de cabelos brancos pegou a caneta e me mostrou ‘Está vendo, senhora? Eles escreveram a história conosco da mesma forma que essa caneta escreve sem conhecer as mãos que a guiam. E nós fomos a caneta com a qual eles escreveram a história. Eles mataram nossos filhos e nós matamos os deles. Então, será que a reconciliação é possível? E para continuar isso, somos apenas poeira das estrelas nas histórias?’ Para além disso, ele falava com essa maneira metafórica da Bósnia e dos muçulmanos da Bósnia e fazia um hino, uma cosmologia, uma psicologia, uma história. Falava de uma psicologia e de questões de herança. E eu me dei conta de que essa frase era de tal forma inteligente, que eu não sabia o que fazer com ela; que estava fora de questão descrever no livro aquilo que eles [os refugiados] me haviam dito. Era como se fosse uma pilhagem, um roubo, se eu o fizesse. Eu tinha que resolver esse problema, porque eu pensava que o anonimato protegeria os refugiados. Foi então que eu lhe expliquei o meu problema, dizendo-lhe que as palavras dele eram muito bonitas e que eram as palavras d’O poeta e não de UM poeta e que era importante dizer de quem se tratava, uma vez que, quando se diz UM poeta, se fala de um por aí, um poeta é anônimo, mas O poeta, não é um anônimo. Falei-lhe abertamente do meu problema: ‘Ah...então, eu te prometi o anonimato, mas eu não poderei guardá-lo porque seria vergonhoso para mim. Então, o que vamos fazer?’ Nesse momento, ele pegou o meu papel e minha caneta e ele assinou. Depois, eu discuti, conversei com ele, e decidimos que não haveria mais o anonimato. Vamos fazer a pergunta no início da entrevista e vamos recolocá-la no fim de nossa entrevista,

² Para conhecer detalhes do caso trazido como exemplo, ver “Leitura etnopsicológica do segredo”, artigo da mesma autora publicado em *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 23 – n. 1, p. 5-28, Jan./Abr. 2011.

porque, no início da entrevista, a pessoa pode escolher o anonimato e depois ficar orgulhoso daquilo que ele disse e voltar atrás com sua decisão. As pessoas poderiam dizer coisas das quais poderiam se envergonhar ou que as colocariam em perigo, mas nunca vi alguém que me pedisse o anonimato depois disso. E aí temos a questão do Comitê de Ética: tem mais a ver com uma questão de hábitos do que com questões concretas da pesquisa. Eu sei que fazer jus às exigências de um comitê de ética não resolve as coisas. Eu tentei, mas foi inaceitável para eles. Então, eu resolvi que é melhor continuar a fazer resistência do que brigar com o inimigo. Nesse caso aqui, ser partidário do inimigo, às vezes, é uma boa solução.

Pergunta: Nós somos alunos do mestrado e estamos estudando sobre métodos de pesquisa nas últimas aulas. E, numa dessas aulas, uma de nossas discussões foi justamente sobre a questão de novas tecnologias na pesquisa, principalmente, quando a gente faz pesquisas muito grandes e nas quais não tem a interação pesquisador-pesquisado. Então, como que fica captar ali na hora tudo que envolve essa relação quando você não está numa relação face a face?

Vinciane Despret: O que você chama de trabalhar com novas tecnologias?

Pergunta: Por exemplo, quando se faz uma pesquisa à distância, com o uso de internet, por exemplo. O quanto a relação pesquisador-pesquisado pode ficar prejudicada com essa decisão?

Vinciane Despret: Podemos comparar a pesquisa com a caça, podemos compará-la com dois modos de se fazer a caça. Há dois tipos de caça: há aquela em que você vai com a cachorrada e há também aquela caça na qual você fica na espreita esperando por algo. De fato, nos dois casos você vai ter a caça, estando você bem equipado na primeira ou sendo esperto na segunda. Respondi? De qualquer maneira, você vai ter sua caça, mas em cada uma delas você a terá de maneira diferente. Não vai saber muita coisa sobre a sua presa, se caça com cachorros, pois eles vão farejar e encontrar o animal

antes de você. Na outra forma de caçar, vai ser necessário saber mais e você tem que saber um tanto de coisas sobre o animal. Se ele for esperto e não for tão previsível, você vai aprender muito mais. Eu não julgo normalmente quando os jovens pesquisadores são confrontados com a necessidade de utilizar esses procedimentos, pois penso que é preciso passar por esse tipo de pesquisa. Eu tive a sorte de trabalhar em uma época em que não era realmente preciso esse tipo de pesquisa. E o objetivo deve ser sair dessas situações da melhor maneira possível.